

Entrevista com Marisa Bittar

Gabriel Luiz Ponce de Souza Barbosa e Vitor Wagner Neto de Oliveira¹

“No primeiro ano, formei um grupo de estudos com os colegas (...). Foi nesse grupo e na militância política, inicialmente no Diretório Acadêmico Felix Zavattaro, que eu me apaixonei pela História (...). Por causa desse grupo no qual estudávamos o que queríamos e por causa da militância política, eu costumo dizer que fiz dois cursos de História ao mesmo tempo. Na sala de aula, o historiador oficial, Hélio Vianna; no grupo de estudos, os autores marxistas.”

A professora *Marisa Bittar*, nossa entrevistada, é titular em História, Filosofia e Políticas da Educação no Departamento de Educação e na Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), onde atua desde 1993. De 1974 a 1978 estudou graduação em História nas Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso em Campo Grande, atual UCDB. Iniciou a sua carreira docente como professora no ensino básico em Campo Grande, na década de 1980, atuando na Secretaria de Estado de Educação, no ensino secundário em escolas particulares como Anglo/MACE, Colégio Dom Bosco e Latino-Americano, e nas Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso. De 1987 a 1993 foi professora efetiva de História na UFMS.

Nesta entrevista a professora e pesquisadora do CNPq fala da sua formação acadêmica, as pesquisas desenvolvidas no mestrado em educação na UFMS (1989-1992), no doutorado em História Social na USP (1993-1997), e no Pós-Doutorado. Narra a sua experiência no curso de graduação em Pedagogia da UFSCar e na modalidade de Ensino a Distância em que também atua.

Marisa Bittar ainda conversou com o PET-História sobre sua atuação política militante e pela educação no período da Ditadura civil-militar. A criação da ANPUH-MS também é foco da entrevista.

A professora Marisa inicia sua narrativa destacando a origem familiar e a migração para Mato Grosso.

Marisa Bittar: *Sou descendente de uma numerosa família árabe. Meus quatro avós deixaram a Síria no início do século XX para construir uma nova vida no Brasil e se fixaram na cidade de Franca (SP), onde eu nasci. Tive/tenho muitos tios e primos. Até os meus quinze anos de idade, vivi nessa grande família que foi a minha base e em fazendas próximas a Franca, onde meu pai trabalhava desde que se casou com minha mãe que, por sua vez, era normalista. Foi ela quem me ensinou as primeiras letras. Depois fui para a classe multisseriada. Para continuar estudando, morei com meus avós maternos até que meu pai decidiu tentar a vida em Mato Grosso. Deixamos Franca em 1970. Chegamos a Cuiabá em plena ditadura militar, mas eu ainda não tinha consciência disso. Ouvimos o Brasil jogar a Copa do Mundo pelo rádio.*

¹ Equipe responsável pela entrevista: Grupo PET-História Conexões de Saberes, da UFMS/CPTL. Responsáveis por esta entrevista: Gabriel Luiz Ponce de Souza Barbosa e Vitor Wagner Neto de Oliveira. Entrevista realizada via e-mail.

PET-História: Como foi sua formação no ensino médio? Como eram as escolas em que estudou, os professores, e o gosto ou não pela História?

Marisa Bittar: *O meu percurso desde a escola primária foi em escolas públicas. Fiz o ensino médio no Colégio Estadual de Mato Grosso, antigo Liceu Cuiabano, uma bela escola situada na Avenida Presidente Vargas, em Cuiabá. O último ano eu cursei no Colégio Acreano (Rio Branco, Acre), a nova terra para onde meu pai nos levou. Em termos de aquisição de conhecimento e compreensão de mundo, meu ensino médio foi fraco. Além das amizades, o melhor foi ter participado do teatro, da fanfarra e do Grêmio Estudantil. Eu gostava das ciências humanas em geral, português, línguas, desenho. A História não chamou a minha atenção. Eu não compreendia nada de Física, de Química, nem de Trigonometria e Logaritmos. Odiava tudo aquilo. Fui reprovada no primeiro ano. Terminei o ensino médio sem definição do que eu estudaria depois. Aliás, pelo que me lembro, a expectativa sobre o ensino superior não estava presente no curso. Não se falava nisso.*

PET: Fale em que momento tomou a decisão de se graduar em História na Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso, atual UCDB, e quais os motivos que a levaram a escolha desta área, em 1974.

Marisa Bittar: *A decisão de estudar História decorreu depois de uma tentativa no Curso de Letras na mesma instituição. Eu não escolhi a FUCMT. Ela era a única instituição de ensino superior que oferecia esses cursos em Campo Grande, a nova e “melhor terra”, segundo meu pai, para onde fomos morar, em dezembro de 1974. Prestei o vestibular e ingressei em Letras, mas tive dificuldades com o Latim e deixei o Curso. A direção da Faculdade me deu a alternativa de uma transferência para outro curso. Optei pela História por achar que ela era mais próxima do que eu gostava. Mas, talvez, se eu tivesse tido oportunidade de estudar fora de Campo Grande, eu cursasse Jornalismo ou Artes. Isso, porém, era inviável para uma família como a minha. Meus irmãos e eu trabalhávamos e estudávamos. Éramos seis.*

PET: Como foi a sua graduação na FUCMT? E ao concluir você já tinha suas linhas de pesquisa decididas para o mestrado?

Marisa Bittar: *Eu nem sabia o que era Mestrado. O curso de História, para mim, foi difícil. Disciplinas com muitos dados, mapas, datas, fatos, enfim, o que se convencionou chamar de “visão positivista” da História. Era carregado nas disciplinas de História Antiga e Medieval, pouco de Contemporânea. Em História do Brasil, não passamos da Revolução de 1930. Enquanto cursei a Faculdade, dei aulas no Colégio Dom Bosco. No primeiro ano, formei um grupo de estudos com os colegas Amarílio Ferreira Jr. e Thetis Selingardi (que se tornaria pintora), depois entrou o Paulo Marcos Esselin. Foi nesse grupo e na militância política, inicialmente no Diretório Acadêmico Felix Zavattaro, que eu me apaixonei pela História. Nesse momento, Paulo Cimó também havia ingressado no Curso. Por causa desse grupo no qual estudávamos o que queríamos e por causa da militância política, eu costumo dizer que fiz dois cursos de História ao mesmo tempo. Na sala de aula, o historiador oficial, Hélio Vianna; no grupo de estudos, os autores marxistas. Logo em seguida à minha formatura, ato do qual eu não participei em atitude de protesto, prestei concurso para a rede estadual. Eu já estava atuando no movimento de professores de Campo Grande (ACP) e pretendia ser professora da rede pública. Mas logo que tomei posse, fui convidada para assessorar a Secretaria Estadual de Educação. O PMDB, partido de oposição à ditadura militar, havia vencido a primeira eleição para governador em Mato Grosso do Sul (1982) e o*

secretário Leonardo Nunes da Cunha, próximo do Partido Comunista Brasileiro (PCB), no qual eu militava desde 1976, acreditou que eu poderia contribuir com a sua equipe. Aceitei o convite, mas continuei lecionando no ensino médio noturno. Com algumas colegas da rede estadual, criei a ANPUH (1985). Em 1987, ingressei na UFMS, Campus de Aquidauana. Eu só realizei o meu Mestrado depois de mais de dez anos da Graduação. Na FUCMT não se falava em Pós-Graduação. Eu terminei o curso de História sem saber o que era isso. Meu desejo era ser uma ótima professora de História como algumas que eu conhecia da rede estadual. Não saber o que era Pós-Graduação não me fez falta nenhuma comparado a tudo o que a Graduação e a militância política significaram na minha vida: a atuação pela democracia, a compreensão de mundo, tudo o que eu vivi naquele espaço da antiga FUCMT, no portão e na calçada da Avenida Mato Grosso. Aqueles anos definiram a minha vida e eu sou muito grata a eles. Faria tudo de novo.

PET: Quais são os marcos em sua memória da atuação como professora do ensino básico em escolas privadas de Campo Grande no final da década de 1970 e início da década de 1980?

Marisa Bittar: Os três colégios nos quais eu lecionei foram muito importantes para a minha carreira. Eu aprendi a ser professora preparando e ministrando as minhas aulas no Colégio D. Bosco, Latino-Americano e Anglo-Mace. Nesses dois últimos eu fiquei até 1989, portanto foram mais de dez anos lecionando no ensino médio. Eu cheguei a escrever textos próprios para as minhas aulas. Estudei muito, organizei o conteúdo curricular conforme os planos de ensino que eu tinha de cumprir e escrevia todas as minhas aulas em um caderno. Ao mesmo tempo, comecei a fazer trabalho de educação política no PCB e ajudei a formar um grupo de secundaristas para atuar na União Campo-Grandense de Estudantes (UCE), entre eles o meu irmão Márcio. No cursinho Anglo-Mace, território masculino como todos os cursinhos da época, eu me candidatei a uma vaga para a disciplina de História Geral e me tornei a primeira professora daquela modalidade em Campo Grande. Além de mim, três outros membros do PCB lecionavam lá: Amarílio Ferreira Jr., Paulo Cimó e Mário Sérgio Lorenzetto. Nós fizemos trabalho de formação política com estudantes das três escolas. Por ser preparatório para o vestibular, o Anglo-Mace tinha obsessão pelo que chamava de “matéria”, isto é, os conteúdos curriculares, e exigia de nós, professores, o cumprimento de todas as aulas e unidades em prazos rígidos. Isso me forçou a organizar todas elas numa sequência lógica. Por insegurança e medo de errar, eu memorizava as aulas.

PET: Foi neste contexto que você iniciou na militância política? Como se deu a sua proximidade com a política de esquerda e em quais aspectos as convicções políticas influenciaram, ou não influenciaram, a sua decisão pelas áreas de História e de Educação como docente e como pesquisadora?

Marisa Bittar: Eu iniciei a militância política em 1976 como aluna do curso de História na FUCMT, quando a minha vida se cruzou com a de um grupo de militantes do PCB, entre eles, Amarílio Ferreira Jr e Mário Sérgio Lorenzetto. Foi muita sorte eu estar no lugar certo na hora certa! Politicamente, passei a compreender e a me interessar pelo Brasil aderindo à luta contra a ditadura militar; filosoficamente, entrei em contato com a concepção de mundo que veio ao encontro das minhas dúvidas interiores sobre a existência de Deus. Passei a compreender que a humanidade, na sua trajetória, depende exclusivamente de si mesma e quem a rege é ela própria. O PCB, ao me possibilitar essa concepção e o entendimento sobre o capitalismo e suas contradições, operou a grande virada da minha vida. Tudo o que

eu escrevo, defendo e pesquiso tem a marca da compreensão típica do PCB, ou seja, um processo de construção dialético no qual o novo nasce do velho. Devo em grande parte a minha personalidade intelectual, o meu compromisso com a formação humana e a minha própria concepção de educação ao marxismo que aprendi no PCB, não ao marxismo de cartilha. A minha decisão pelo curso de História foi anterior à militância de esquerda, mas a concepção de mundo que eu conheci no PCB influenciou tudo o que fiz depois. Foi a minha grande escola. Por exemplo, se eu não estivesse no PCB, não teria tido a oportunidade de viver e estudar na União Soviética e conhecer o que eu acreditava ser o socialismo (1981-1982). Foi muito importante também ter sido contemporânea da fundação do Partido dos Trabalhadores (PT), caminho que atraiu os meus irmãos Mauro, Mariluce (uma das fundadoras do PT em Mato Grosso do Sul) e Marilena. O ambiente de esquerda em Campo Grande era diverso e envolvente (PCB, trotskistas, PC do B, PT). A cidade e o estado se tornaram referências em movimentos nacionais, como a fundação do PT, a legalização do PCB, e a luta pela anistia aos presos políticos. Essas experiências delinearam o meu perfil de historiadora, pois foram anos de muita efervescência política que fizeram com que parte da minha geração se comprometesse com a democracia. A minha concepção de História foi se formando aí, durante esses anos interessantes.

PET: Você atuou como assessora da Secretaria de Estado de Educação de MS entre 1983 e 1989, na transição para a redemocratização, período do primeiro governo do PMDB, de Wilson Martins, quando a sociedade tinha grandes expectativas em ver atendidas as demandas reprimidas em 20 anos de Ditadura. Como foi trabalhar na SEDE naquele momento? Foi possível atender ao menos parte das demandas educacionais da sociedade em um Estado recém criado? Quais memórias você guarda desse momento histórico?

Marisa Bittar: *Trabalhar na Secretaria de Educação de Mato Grosso do Sul foi uma honra e oportunidade ímpar para a minha formação intelectual. Até então, eu sabia muito pouco sobre educação. A visão que eu tinha era fruto da minha própria experiência em sala de aula e como militante do movimento de professores (ACP). Fiquei impressionada com os conhecimentos do Secretário Leonardo Nunes da Cunha; ele era admirador de Anísio Teixeira, autor que eu nunca tinha lido. Na Secretaria, eu passei a ter uma visão da rede estadual, dos seus problemas estruturais, e também pude entender o funcionamento do aparelho de Estado. A situação era muito complexa e desafiadora. Eu fui para a Secretaria como uma tarefa do PCB, para contribuirmos com a democratização da educação, que era a área mais mobilizada da sociedade sul-mato-grossense naquela época. O convite foi uma forma de prestigiar o movimento de professores do qual eu fazia parte e também de reconhecer o papel do PCB na eleição de 1982. Aquela gestão foi um marco na história da educação sul-mato-grossense, pois democratizou as relações dentro das escolas e reconheceu as reivindicações dos professores e dos estudantes. Ambos tiveram suas entidades valorizadas (UCE e ACP) e participaram ativamente da política de educação da época. Tudo isso ficou simbolizado no Congresso “Educação para a Democracia” (1983) e foi um marco na política educacional de um estado recém-criado, que havia passado por instabilidades políticas graves, desmandos da ditadura militar, deposições de governadores e desrespeito aos professores da rede pública. Foi importante principalmente porque associou a educação pública à democracia.*

PET: Da graduação para o mestrado você mudou da área da História para a Educação. Houve mesmo esta mudança ou se pode falar em continuidades da História na Educação? Como você chegou ao tema de pesquisa no mestrado em Educação, concluído em 1992 na

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, com a dissertação *Estado e política educacional em Mato Grosso do Sul: limites de uma proposta democrática* (Publicado pela Editora UFMS em 1998, sob o título *Estado, Educação e transição democrática em Mato Grosso Do Sul*)? A sua atuação na SEDE influenciou nesta decisão?

Marisa Bittar: *Na verdade, eu não mudei de área propriamente. Pela minha formação política, eu tinha uma compreensão da História como um campo de conhecimento vasto, complexo, que faz interface com vários outros campos, principalmente com as Ciências Sociais. A Teoria Política, por exemplo, foi sempre presente nos meus estudos e interesses. Fiz o Mestrado em Educação por ser a única oportunidade para mim na época, já que eu era recém-professora da UFMS e a universidade havia firmado um convênio com a UNICAMP para formar mestres. Foi nesse momento (1989) que eu me decidi pela carreira acadêmica. Quanto ao tema, a minha atuação na Secretaria de Educação foi o fator decisivo. A política educacional de 1983-1985 estava no olho do furacão pelo fato de estarmos tentando democratizá-la num contexto nacional de ditadura. Depois, como aluna do Mestrado, eu achei que essa política merecia ser melhor conhecida e interpretada. A minha condição me levou a essa decisão, pois, vindo do movimento de professores e depois tendo atuado na Secretaria, eu tive a oportunidade de conhecer as duas visões e de ter participado de um momento conflituoso dentro do aparelho de Estado. A Secretaria de Educação não tinha apoio do governo como um todo e, além disso, sofria uma campanha sistemática da imprensa; todos os dias o Secretário Leonardo Nunes da Cunha era chamado de comunista pelos jornais reacionários. A complexidade dos primeiros anos da transição democrática era algo difícil de compreender. Como sempre, é mais fácil viver do que entender. Eu vivi e, anos depois, compreendi melhor. Gostei muito de ter feito isso. E foi o Mestrado que me ensinou esse exercício intelectual. De pesquisa eu não entendia, mas apesar disso, foi relativamente fácil, pois eu conhecia bem o assunto e tinha uma concepção de mundo. Foi o meu principal aprendizado em pesquisa porque comecei a praticar um método que alia teoria aos dados empíricos e que procura vincular o aspecto particular ao geral. Aprendi a organizar minhas próprias ideias e a trabalhar com fontes primárias.*

PET: No doutorado em História Social na USP, concluído em 1997, com a tese *Mato Grosso do Sul: do Estado sonhado ao Estado construído* (Publicado pela Editora UFMS em 2009, sob o título *Mato Grosso do Sul, a construção de um estado*, volumes 1 e 2), você problematiza a forma como se deu a divisão do Mato Grosso e a criação do Mato Grosso do Sul em 1977 na Ditadura civil-militar. O que te fez mudar de área de pesquisa e partir para a História Política e Social no doutorado? Quais proximidades e distanciamentos você pode perceber ao trabalhar a História do MS na Educação e na História?

Marisa Bittar: *Para quem havia feito Graduação na FUCMT, realizar o Doutorado na USP era um sonho quase impossível. Foi a minha pesquisa mais minuciosa e difícil; e foi com a publicação da tese, que me exigiu outros longos anos de pesquisa, que eu passei a me considerar historiadora. A ideia inicial da tese nasceu no Mestrado quando constatamos a ausência de um estudo sobre as classes sociais de Mato Grosso/Mato Grosso do Sul. Isso, para mim, em termos de conhecimento, era um aspecto essencial para entendermos os entrelaçamentos entre política, condições estruturais, interesses de classe, e a própria educação como política pública. Eu tinha interesse pela História Política e Social desde o movimento estudantil e essa foi a base da minha pesquisa no Mestrado. Mas a minha formação era deficiente, a maior parte do que eu sabia de História, aprendi por mim mesma e na militância política. Historiografia eu só fui aprender quando fiz uma Especialização em*

História Moderna e Contemporânea na PUC de Minas Gerais (1983-1984). Foi lá que eu estudei a Escola dos Annales e também fiquei sabendo da existência da ANPUH. Esse curso me ajudou muito a enfrentar o Doutorado. Ao elaborar o meu projeto de tese, pensei em fazer um recuo largo no tempo (longa duração) para descobrir as origens das oligarquias sul-mato-grossenses. Esse recuo me conduziu à divisão de Mato Grosso, pois quanto mais eu me aprofundava nas fontes, mais eu constatava que a transformação da oligarquia agrária do sul do antigo Mato Grosso de “classe em si” para “classe para si” devia-se ao divisionismo. Busquei, então, as raízes que transformaram o regionalismo em divisionismo, desde o final do século XIX, até a divisão (1977), quando os interesses dessa classe se conjugaram aos da ditadura militar. Na segunda parte da tese, eu estudei as práticas políticas dessa classe no poder uma vez instituído Mato Grosso do Sul. Quanto à relação entre História e Educação, espero ter contribuído para a compreensão das práticas das elites dirigentes sul-mato-grossenses e as ligações disso com a educação e outras políticas públicas no estado.

PET: Durante a carreira como professora na Universidade Federal de São Carlos podemos notar a sua participação no curso de Pedagogia à distância, tanto na formulação do curso como também na produção de materiais didáticos. Como se deu a criação desse material didático e as dificuldades que enfrentou ao entrar nessa nova modalidade de ensino?

Marisa Bittar: *Eu iniciei essa experiência pedagógica a pedido da UFSCar, em 2007, pelo fato de as minhas aulas serem bem avaliadas pelos alunos. As dificuldades foram muitas, mas a principal delas, para quem valoriza a sala de aula como eu, era não ter presencialmente os alunos. Contornei isso gravando vídeo-aulas e escrevendo um livro didático baseado na minha experiência docente. Outro recurso didático que eu coloquei em prática foi a vídeo-conferência. De certa forma, consegui transpor para a modalidade a distância o mesmo padrão de curso que ministro nas salas de aula, mas tenho preocupações sobre essa modalidade de ensino na fase de formação (Graduação).*

PET: No que você tem se dedicado atualmente em relação à pesquisa? Nos conte a respeito de seu trabalho produzido no Pós-Doutorado no Instituto de Educação da Universidade de Londres, de 2011 a 2012, e depois como professora visitante no mesmo Instituto.

Marisa Bittar: *Pesquisar e ser professora-visitante na melhor instituição de pesquisa em Educação do mundo foi um privilégio que eu agradeço à FAPESP, pois só com o seu financiamento eu pude viver em um país tão caro e praticar uma língua que eu estudava desde o ginásio. A vida acadêmica no Instituto, que possui acervos raros, é muito rica e plural. Por lá passam pesquisadores do mundo todo, o que permite um intercâmbio inigualável. Eu não tinha ideia exata do seu padrão tão elevado de pesquisa. Gostei muito de tudo, e a experiência no Instituto representou a minha maturidade como pesquisadora. Diariamente, eu passava horas no Arquivo “Brian Simon”, historiador marxista cuja obra eu pesquisei. Brian Simon (1915-2002) foi o mais importante historiador da educação britânica e, além de vasta obra escrita, liderou o movimento pela democratização do ensino secundário combatendo os testes psicométricos que selecionavam os adolescentes para os diversos tipos de escola secundária existentes na Inglaterra. Ele defendeu a “comprehensive school” (escola secundária igual para todas as crianças). Além da pesquisa em si, como professora-visitante, pude acompanhar as aulas de História da Educação em uma turma de Mestrado e conhecer de perto currículos e práticas de ensino do Instituto. Apresentei*

seminários, participei do Comitê Organizador da *International Standing Conference for the History of Education – ISCHE*, que aconteceu em Londres (2014) e fui à Itália conhecer o historiador da educação Mario Alighiero Manacorda, marxista, intérprete de Gramsci, e cuja obra eu estudava há muitos anos. Esse foi o único período em que eu me afastei da sala de aula em toda a minha vida de professora, por isso eu vivi intensamente a condição rara de ser exclusivamente pesquisadora. Foi desafiador, enriquecedor e também difícil por pesquisar uma obra muito vasta e desconhecida para mim.

PET: Quais os desafios da área do ensino e da pesquisa em História da Educação no Brasil?

Marisa Bittar: *Na área do ensino, precisamos ter claro que formamos (ou devemos formar) professores. Infelizmente, nas universidades públicas, desde a década de 1990, tem havido um contraste entre a desvalorização do ensino na Graduação e o fortalecimento da Pós-Graduação. Com isso, gradativamente, a Graduação deixou de ser o eixo da vida universitária, pois não recebeu das políticas públicas a mesma atenção que vem sendo dada à Pós-Graduação. Em geral, nas universidades públicas, que são as mais importantes na Pós-Graduação brasileira, o ensino passou a ser considerado menos importante que a pesquisa. Essa distorção é grave, pois o ensino tem as suas especificidades e é a Graduação que profissionaliza. É um erro fazer do ensino uma especialização precoce. A especialização é tarefa da pesquisa, deve ser feita na Pós-Graduação e não na Graduação. O ensino deve propiciar uma visão do campo disciplinar em seu conjunto e não iniciar os alunos em temas pontuais que são do interesse da Pós-Graduação. Vejo com muita preocupação o esvaziamento do ensino no nível da Graduação. Práticas típicas da Pós-Graduação, como a concorrência, por exemplo, estão cada vez mais presentes nas salas de aula da Graduação. É muito grave que a universidade pública não esteja formando professores para a rede pública. É claro que há e deve haver relação entre ensino e pesquisa, mas eles não são a mesma coisa. Ensino e pesquisa, cada qual tem a sua importância, especificidade e função. Voltando ao âmago da pergunta: o ensino de História da Educação tem reproduzido temas pontuais da Pós-Graduação, é a tendência hegemônica contra a qual eu me posiciono. Visões fragmentadas, ensino fragmentado. Isso faz pouco ou nenhum sentido para os alunos. Centrada em particularismos e especializações estreitas e monotemáticas, a História da Educação perde o seu encanto e sentido. A fragmentação do conhecimento e a pesquisa cada vez mais centrada em aspectos particulares são as tendências predominantes. Para mim, isso deforma totalmente o sentido das Ciências Sociais como um todo e deveria colocar em discussão o papel da universidade. Ao não pensar o Brasil, ela deixa de formar intelectuais.*

PET: Até o tempo presente quais temas não foram abordados, ou foram pouco tangenciados, e que merecem atenção dos pesquisadores em História da Educação no Mato Grosso e no Mato Grosso do Sul?

Marisa Bittar: *Como pesquisadora, eu conheço mais a produção de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul na área da História propriamente dita do que na área de História da Educação. Nessa última, talvez faltem estudos com visão de conjunto sobre as políticas educacionais e a história da escola pública. As tendências hegemônicas atualmente valorizam aspectos muito particulares. A História da Educação passou a ser estudada de forma fragmentada, detalhista, sem conectar o aspecto particular ao geral, desvinculada de outras esferas da vida humana (materiais e imateriais). É um erro acreditar que as visões*

gerais não são importantes. Hoje predomina uma visão acrítica e culturalista da História baseada na narração. Essa visão combateu o determinismo econômico, mas instituiu outra forma de determinismo: o culturalismo. Com exceções, é uma historiografia fraca, repetitiva, que pouco ou nada explica.

PET: Qual(is) livro(s) um estudante que se interessa por história da educação no Mato Grosso e Mato Grosso do Sul não poderia deixar de ler?

Marisa Bittar: *Eu tenho como princípio que todo estudante tem obrigação de conhecer tudo o que foi produzido anteriormente sobre o assunto que está pesquisando. Conhecer a produção anterior significa respeito por quem já pesquisou antes de nós e um passo metodológico de construção do nosso próprio objeto de estudo. A pesquisa séria e rigorosa deve começar aí. Além disso, precisamos ter uma visão de mundo, uma concepção filosófica e uma visão abrangente sobre a qual o nosso tema está inserido. Um tema será mais interessante e compreensível quanto mais o pesquisador conseguir captar o movimento no qual ele está inserido, as suas relações, a sua complexidade, suas contradições internas. Quanto mais um tema for tratado isoladamente e fora de contexto, menos interessante e compreensível ele se tornará, pois estará em contraste com a vida, que é complexa, contraditória e interessante. O nosso desafio é conseguir captar essa riqueza e complexidade que está na própria vida. Isso envolve dois momentos metodológicos: o da investigação e o da exposição. Pesquisa pobre, resultado pobre. Pesquisa rica, resultado rico. Por isso, a formação do sujeito (pesquisador), o seu capital cultural é essencial, um processo que nunca termina. É importante termos conhecimento profundo do assunto e também concepção de mundo, concepção sobre teoria do conhecimento, teorias que interpretem o Estado, a sociedade, e não exclusivamente nos fixarmos em particularismos, detalhismos descritivos e especializações exacerbadas e cegas que perdem a conexão com o geral e a capacidade explicativa. Em um país de extremas desigualdades como o Brasil, ser pesquisador é um privilégio, por isso devemos estar à altura dessa condição, sobretudo sermos intelectuais, pessoas capazes de compreender o mundo e atuar criticamente nele.*

PET: Professora, muito obrigado pela colaboração. Para encerrar, gostaríamos de saber quais são seus planos para o futuro próximo, projetos e trabalhos a serem publicados?

Marisa Bittar: *Estou sempre escrevendo. No momento, termino um artigo sobre a presença de Gramsci na obra de Brian Simon, mas gostaria de poder elaborar a segunda edição de "Mato Grosso do Sul: a construção de um estado" e reescrever o meu livro didático sobre História da Educação. Complementando estudos como pesquisadora do CNPq desde o meu Pós-Doutorado, venho participando do projeto internacional "Mapping the History of Education" que tem por objetivo mapear a História da Educação no aspecto da pesquisa (produção de livros, teses, dissertações, artigos etc) e do ensino (situação da disciplina). Quanto ao ensino, a sala de aula, para mim, continua sendo o espaço mais importante da vida na universidade. É nela que eu renovo as minhas energias, convivendo com os meus alunos, me dedicando a eles, ensinando e aprendendo com eles, e constatando a cada dia que a educação pode fazer a diferença. Dedico esta entrevista à memória da minha irmã Mariluce Bittar, que também pensava e praticava assim.*

Respondida via e-mail em 9 de julho de 2015